

Paolo Valoppi entrevista Valério Romão



Uma das coisas que mais emerge nas tuas entrevistas – e também nas recensões aos teus livros – é o tamanho da dor nas histórias que contas, um «espaço de tanta dor» que tu preferes definir «cenas quotidianas normalmente mal iluminadas». Pergunto-te então o que é que te leva a contar essas «cenas»? O que é que te levou a escrever os livros (um ainda não publicado, sobre o Alzheimer) da trilogia *paternidades falhadas*? Livros onde tu falas de um filho autista, em *Autismo*, e de um nado-morto, em *O da Joana*.

A dor não é de todo aquilo que procuro quando me apaixono por um assunto sobre o qual decido escrever. Procuro, outrossim, intensidade, genuinidade e alguma penumbra (que o assunto já não esteja demasiado exposto, para não contribuir com mais ruído). Quando finalmente começo a escrever, cuido de ser honesto na exposição da experiência.

A certo ponto da narração de *O da Joana*, quando o drama de Joana já é iniciado e ela é levada para a sala de parto, há uma passagem que diz: «Reage Joana, faz-te à vidinha senão a vidinha faz-se a ti». Naquele momento, apenas por um momento, pensei que a Joana poderia enfrentar sua dor de forma lúcida, honesta, racional, tomando consciência da realidade do pesadelo que estava vivendo. E, logo depois, repentinamente, encontramos Joana pedir ajuda ao teto, para ser libertada e para defender-se das enfermeiras que, na sua ideia, querem tirar-lhe a criança (morta). Por isso, ao final do livro, perguntei-me se a Joana fora um personagem que resistiu, que, de alguma maneira, lutou contra sua desgraça, ou um personagem que, em frente ao seu "inferno", se rende (entregando-se a uma forma de loucura).

É difícil imaginar a dor de uma mãe que perde o seu filho, mesmo que ainda em gestação. Para Joana, que tem uma personalidade obsessiva-compulsiva e que dirige essa obsessão para o sonho de finalmente ser mãe, é razoavelmente claro que não poderia sobreviver, pelo menos incólume, à tragédia de perder um filho e ter, ainda assim, de pari-lo. Há um registo de ambiguidade e de loucura ao longo de todo o texto que faz com que nada seja inteiramente transparente nem completamente irracional.

Que conexão há, na tua ideia, entre desgraça e pobreza? Em *O da Joana*, também, Joana e Jorge são duas pessoas pobres, pessoas que enfrentam a vida dizendo: "... somos pobres, mas algo se há-de arranjar,".

Penso que a pobreza tem vários níveis. Se vivida em harmonia com a natureza circundante e com a comunidade, não significa desgraça. Mas a pobreza vivida nas cidades, nos subúrbios, nas grandes metrópoles, é assustadora. A vida nas grandes cidades è terrível e o dinheiro é, de facto, a única forma de usufruir dessa vida

O elemento olfativo retorna frequentemente no texto, sobretudo o «cheiro a maresia» (por exemplo: «...o rebentamento das águas como um acontecimento olfativamente semelhante à ocorrência de um esguicho de esperma», «parece que tinha feito chichi na cama, e tinha um cheiro estranho, assim, o doutor sabe, a... a maresia, completa, o médico, não, não era exatamente a maresia, mas pode ser, no fundo são cheiros que podem nutrir semelhanças», «outras vezes são aquelas manchas invisíveis de águas, aquelas que cheiram a maresia, não sei se lhe aconteceu, sim, replica Joana, mas cheira a esperma, não a maresia mas a esperma, sabe que cheiram ao mesmo e que podem confundir um nariz menos perspicaz»), e acho que em geral há uma grande atenção para todos aqueles detalhes realistas (esperma, sangue, merda, suor) que fazem do nascimento de uma criança não só algo idealizado, estilizado, feliz, mas também dramático, traumático, doloroso, sujo, malcheiroso. Pode ser assim.

O nascimento de uma criança, a morte, a doença não são processos impolutos, como a crescente higienização da sociedade queira fazer parecer. Há sangue, fezes, urina, odores e texturas que nenhum de nós quer experienciar mas que temos de saber, se queremos perceber algumas verdades fundamentais da vida, que não somente acontecem como acontecem todos os dias, em todos os nascimentos, mortes, cirurgias, etc.

Percebi a narração como um longo plano-sequência, baseado num estilo torrencial e condensado, feito de longas “cavalgadas” de páginas marcadas apenas por vírgulas, uma escrita crua, dura, densa. Se, por um lado, este é o teu estilo, por outro, pergunto-me (e pergunto-te) se fizeste um trabalho estilístico particular para este livro: para manter alta a tensão e a intensidade emocional, para não perder a atenção dos leitores, para gerir come destreza os pontos mais dramáticos.

O um estilo varia de livro para livro. Neste, em particular, optei, como bem dizes, por “filmar” um longo plano-sequência, usando para tal de um mínimo possível de pontuação “longa” (pontos finais, de exclamação, etc.) e privilegiando o carácter de stream of consciousness que me pareceu ser o mais adequado para um livro que decorre, mais coisa menos coisa, em seis horas. Pareceu-me também que a entrada directa no hospital não funcionaria, pelo que optei por um MacGuffin como introdução, o que também foi útil para conferir uma certa aura onírica/fantasmagórica à toda a narrativa.

Em algumas entrevistas falaste de ecos de Lobo Antunes, de citar “descaradamente” o Saramago de *Todos os Nomes*, de referências que vêm sobretudo da filosofia. Mas, pergunto-te, há outras obras que inspiraram os teus livros, em particular *O da Joana*? Filmes ou livros que enfrentamos mesmos temas – ou similares – de uma maneira que gostaste? Ou, virando a pergunta, há livros ou filmes que os tratam numa maneira que não apreciaste (emocional, artificial, desonesta) e quem te levaram a falar destes temas à tua maneira?

Há muita “literatura do coitadinho” em todo o lado. Muitos livros, filmes e objectos de arte que, versando sobre um tema complexo e cruel, o sublinham de tal modo no tratamento que dele fazem que o expurgam de qualquer vitalidade. O resultado é mesquinho e covarde. Se vais falar com uma pessoa com um melanoma do tamanho da perna, não podes não falar da cor, do cheiro, do semblante da pessoa, do que ela te diz e não te diz. Se alguém tem a coragem de partilhar uma experiência praticamente incomunicável contigo, tens de ter a coragem e a honestidade de te acercar da mesma tanto quanto te for possível.

Sobre a “literatura do coitadinho”, leste *Outras vidas que não a minha* de Carrère? É um livro sobre a vida e a morte, sobre a pobreza e a justiça, sobre a doença e sobretudo o amor, e é um livro onde não há como refugiar-se na ideia reconfortante de que o que está ali è ficção, porque è um livro de não-ficção; por esse motivo, a literatura de não-ficção pode ser a maneira mais eficaz de ser corajoso e honesto em escrever sobre algo doloroso e complicado?

Não li não. Mas não-ficção ou ficção ou auto-ficção è um dilema que pouco me interessa. O resultado è que me interessa: se è capaz de me transmitir uma experiência, se tem qualidade literária, etc.